

HISTÓRIA DAS EMOÇÕES E EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA (GLOBAL):

entrevista com Ute Frevert

Danilo Romeu Streck

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. E-mail: drstreck@ucs.br.

SOBRE A ENTREVISTA

A entrevista com Ute Frevert ocorreu no seu escritório no Instituto Max Planck para o Desenvolvimento Humano, em Berlim, no contexto de um projeto de pesquisa sobre o domínio socioemocional na educação para a cidadania global. Tal como definido pela UNESCO, emoção, cognição e atitudes ou comportamento são as três dimensões na educação de cidadãos e cidadãs capazes de enfrentar os desafios sociais, políticos e ambientais dos nossos tempos em escala local, regional e planetária. Como sabemos pela pesquisa e pela experiência, as emoções desempenham um papel fundamental nessa tríade, embora, por vezes, sejam subestimadas na cultura racionalista. O trabalho de Ute Frevert conscientiza a respeito do caráter histórico e contextual das emoções, ajudando a superar uma abordagem simplista nas práticas pedagógicas. As emoções moldam e são moldadas pela economia, as emoções moldam e são moldadas pela política, tal como moldam e são moldadas por todos os arranjos institucionais que constituem o mundo social. Nessa entrevista, Ute Frevert conduz o leitor pelos meandros da história das emoções, com especial atenção para a sua modelagem no atual contexto histórico.

SOBRE A ENTREVISTADA

De 2008 até a sua aposentadoria, em 2024, Ute Frevert foi Diretora do Centro de História das Emoções do Instituto Max Planck para o Desenvolvimento Humano, em Berlim, Alemanha, e professora na Universidade Livre de Berlim. Entre 2003 e 2007, foi professora de História Alemã, na Universidade de Yale (EUA), tendo anteriormente lecionado nas Universidades de Berlim, Konstanz e Bielefeld (Alemanha). Ela é membro da Academia Nacional Alemã de Ciências Leopoldina, da Academia de Ciências e Humanidades de Berlim-Brandenburg e membro correspondente da Academia Britânica. Ute Frevert recebeu o prestigioso Prêmio Leibniz, em 1998, e recebeu a Ordem do Mérito da República Federal da

Alemanha, em 2016, por seu trabalho inovador na história moderna. Seu doutorado honorário pela Universidade de Tampere (Finlândia) data de 2018. Em 2020, foi homenageada com o Prêmio Sigmund Freud de Prosa Científica, conferido pela Academia Alemã para Linguagem e Literatura.

De entre os seus numerosos textos monográficos, destacam-se: *Writing the history of emotions: Concepts and practices, economies and politics* (Bloomsbury, 2024); *The power of emotions: A history of Germany from 1900 to the present* (Cambridge, 2023); *The politics of humiliation: A modern history* (OUP, 2020); *Emotions in history - Lost and found* (CEU Press, 2011); *A nation in barracks: Modern Germany, military conscription and civil society* (OUP, 2004); *Men of honour: A social and cultural history of the duel* (Polity, 1995); and *Women in German history: From Bourgeois emancipation to sexual liberation* (Berg, 1988).

Desde 2023, Ute Frevert é presidente da Fundação Max Weber, financiada pelo Governo Federal Alemão e composta por onze institutos de pesquisa no exterior. O objetivo da Fundação é promover a investigação internacional com foco na história e nas ciências sociais e, assim, possibilitar a compreensão recíproca entre a Alemanha e os países anfitriões.

ENTREVISTA

D.R.S. – Danilo Romeu Streck;

U.F. – Ute Frevert.

D.R.S. *Muito obrigado por conceder esta entrevista. Gostaria de iniciar esta conversa perguntando sobre sua formação profissional, os interesses e dúvidas que a levaram a lidar com a história das emoções.*

U.F. Primeiramente, cabe a mim agradecer o seu interesse em meu trabalho. Comecei a estudar história com um forte interesse em história social, e estamos falando aqui da década de 1970, quando a história social era, eu diria, uma questão atraente nas universidades alemãs mais progressistas. Mais tarde, desenvolvi um interesse pela cultura e pela construção de significado; o gênero, nem é preciso dizer, estava muito cedo na minha agenda. Por fim, acabei envolvida com emoções, que considero altamente culturais, altamente generizadas ou de gênero, mas também muito ligadas às questões sociais e aos grupos sociais. Então, de certa forma, a história das emoções foi alimentada por todos esses interesses anteriores. Mais uma coisa: desde meus primeiros tempos de estudante, sempre abordei a história

com a noção de como ela é importante nos tempos atuais. Nesse sentido, fui e permaneci muito política. Tento estar atenta ao que se passa no mundo, na minha sociedade e nas outras sociedades. E o que observo como cidadã, então, informa, muitas vezes, minhas jornadas históricas.

D.R.S. *Vamos ao seu trabalho em Berlim. Você fundou o Centro de História das Emoções do Instituto Max Planck de Desenvolvimento Humano em 2008¹. Como um centro ou programa de pesquisa passa a ser hospedado pelo Instituto? Quais foram alguns dos principais desafios que você encontrou?*

U.F. Começamos pela parte institucional. Os institutos Max Planck e seus diretores são autônomos para decidir o que querem pesquisar. Quando os institutos recrutam novos diretores, estes têm a oportunidade de escolher os seus temas de forma independente. Eles também recebem um grande orçamento, que lhes permite empregar um grupo de pesquisadores com quem desejam trabalhar. Quando o meu antecessor deixou o MPIB, os demais diretores escolheram-me como historiadora social e cultural que poderia acrescentar perspectivas amplas sobre o desenvolvimento humano. Naquela época, eu era professora titular na Universidade de Yale e era muito feliz lá. Mas achei muito atraente a oportunidade de criar um novo campo de pesquisa e construir o meu próprio centro; além disso, sempre fui apaixonada por Berlim como cidade. Então, aceitei a oferta.

Escolher o tema das emoções não foi muito difícil. Eu havia me interessado pela história das emoções em meados da década de 1990 e trabalhado com o tema da confiança por algum tempo. Como os outros diretores do MPIB eram psicólogos, as emoções poderiam, assim eu esperava, formar uma espécie de terreno comum e construir uma ponte entre as nossas disciplinas.

Na verdade, isso acabou por ser um grande desafio. Através de palestras e de conversas, tomei gradualmente consciência de quão diferente um psicólogo aborda o seu assunto e como um historiador o faria em termos de fontes e métodos. Os historiadores tendem a fazer perguntas que só podem ser respondidas levando-se em conta uma infinidade de fatores explicativos. Eles constroem seu tópico de maneiras muito amplas e complexas. Isso deixa os

¹ O Centro concluiu os seus trabalhos em 29 de junho de 2024, após 17 anos de atividade. Para obter mais informações, consulte <https://www.mpib-berlin.mpg.de/research/research-centers/history-of-emotions>.

psicólogos nervosos, pois os seus métodos privilegiam o foco em uma variável que causa um determinado resultado controlável. Como historiadores, não podemos fazer isso, a vida é muito confusa. Além de diferentes questões e métodos, a cultura do trabalho científico também é diferente. Como jovem pré ou pós-doutorado em história, você aprende a ter curiosidade sobre muitas coisas. Você lê livros e artigos que não têm nenhuma afinidade com o seu projeto. Você está ansioso para se envolver com outras pessoas, mesmo de outras disciplinas. Os jovens estudantes de doutoramento em psicologia, pelo menos os que conheci aqui, são muito mais focados. Eles sabem que precisam publicar três artigos em três anos e, por isso, voltam-se exclusivamente para os tópicos e métodos que se aplicam a eles. Ao excluir todo o resto, a comunicação interdisciplinar se torna muito difícil. Apesar disso, nosso conselho científico nos incentivava regularmente a colaborar e aproveitar o privilégio de ter mais de uma disciplina no Instituto. Damos o nosso melhor, mas não creio que tenhamos realmente enfrentado o desafio.

D.R.S. *Você escolheu trabalhar com emoções na modernidade. Houve algum motivo específico para priorizar este período histórico?*

U.F. Em primeiro lugar, sou uma historiadora que trabalha com os séculos XIX e XX. Em segundo lugar, penso que o período moderno tem muito a oferecer aos historiadores das emoções, uma vez que muitas mudanças e divergências, em termos de práticas e estilos emocionais, ocorreram no período. Além disso, múltiplas mudanças de regime afetaram o que poderia ser sentido e como esses sentimentos poderiam ser expressos. Essas mudanças de regime também vieram com diferentes tentativas de instrumentalizar as emoções para fins políticos, ou o que chamo de “política emocional”. Terceiro, abrimos o espectro das sociedades modernas para serem estudadas fora da Europa. No início, centramo-nos fortemente no Sul da Ásia, como uma região onde, desde o século XVIII, as potências coloniais europeias confrontaram várias tradições originárias com suas formas de ter e encenar emoções. Posteriormente, incluímos projetos no Japão, China, África e América do Sul.

D.R.S. *As emoções são uma noção complexa e escorregadia que desafia pesquisadores e pesquisadoras em filosofia, sociologia, psicologia e outros campos. Como historiadora, qual é a compreensão das emoções com as quais você está lidando e como você diferencia as emoções dos sentimentos, das paixões, por exemplo?*

U.F. Nosso primeiro projeto colaborativo assumiu exatamente essa tarefa ao construir uma genealogia moderna de termos emocionais. Examinamos enciclopédias e léxicos britânicos, franceses e alemães do século 18 até hoje e como eles definiam palavras como sentimento, sensação, impulso, luxúria, afeto, paixão e assim por diante. Analisamos também como e por que certas palavras recuaram enquanto outras passaram a dominar o mapa linguístico, como a emoção. E tentamos explicar o que significava esse desenvolvimento. Será que realmente entendemos melhor o mundo dos sentimentos quando usamos, de maneira uniforme, a palavra emoção, com base na psicologia anglo-saxônica do século XX? O que se perdeu em termos de diversidade, variedade, distinção? O que podemos aprender sobre os antigos mundos de sentimentos consultando antigos teólogos, filósofos e médicos, todos eles com opiniões bastante distintas sobre os fenômenos emocionais?

D.R.S. *Você lidou com uma grande variedade de emoções em sua pesquisa. Quais revelaram maior potencial para a compreensão da vida na modernidade e, portanto, mereceram maior atenção em seus estudos?*

U.F. Eu sou tendenciosa! Para mim, a honra está entre as emoções mais importantes. É mais antiga que a modernidade, mas ainda tem um papel a desempenhar nas sociedades contemporâneas. Quando escrevi meu livro sobre duelos, comecei com a suposição de que a honra era coisa do passado. Encontrei-a em “homens de honra” que povoaram as sociedades europeias do século XIX e início do século XX. Esses homens, pensei, não estão mais entre nós. Mas eu estava errada. Basta observar os casos de desonra ou humilhação tal como são percebidos nas interações diárias, tanto na vida privada, quanto na vida pública. Tirar ou negar respeito, ou diminuir a reputação e a auto-estima de alguém afeta a posição social dessa pessoa e é considerado um insulto. Alguns grupos levam isso mais a sério do que outros; os adolescentes do sexo masculino parecem ser particularmente sensíveis a essas questões. Portanto, a honra ainda existe, mesmo que prefiramos chamá-la de dignidade. Ela vem em muitos tons e variações, dependendo da idade, sexo,

classe e etnia e atua na diferenciação social e na formação de grupos, mas também na política internacional, em que a linguagem da honra ainda está em vigor. Putin construiu o seu caso contra o Ocidente principalmente com base na alegação de que a honra nacional da Rússia foi manchada.

A outra emoção que me é muito cara é a confiança, *Vertrauen*. A confiança é uma emoção fundamental que permeia a política moderna, a economia, as relações sociais e os encontros íntimos. É uma emoção perfeitamente moderna que substitui a antiga noção de fidelidade, *Treue*. Poderia mencionar outras, claro, como o amor, ou a inveja, ou o orgulho. O que mais me interessa é a vida pública das emoções, e por isso privilegio aquelas que vão além da chamada esfera privada.

D.R.S. *A política e a economia estão entre os campos em que você olhou para as emoções. Como vê o desenrolar das emoções no atual contexto internacional, no qual somos confrontados com grandes incertezas e injustiças, como as guerras na Ucrânia e em Gaza. Existe algo como a geopolítica das emoções, como sugere Dominique Moïsi (2010)?*

U.F. Hesito em subscrever distinções emocionais claras entre “o Ocidente”, “os árabes” e “Ásia”. Pode ser intuitivamente útil pensar nos europeus como medrosos, nos árabes como facilmente humilhados e propensos ao ódio, e nos asiáticos como tendo esperança. Mas mapear as emoções geográfica ou geopoliticamente é uma forma muito duvidosa de dar sentido a diferentes sociedades ou culturas. As sociedades são sempre complexas e não dançam uma única música. Isto é ainda mais verdadeiro quando se trata de continentes inteiros ou de enormes populações entre Estados-nação. Além disso, há sempre mais de uma emoção que caracteriza uma mentalidade nacional, regional ou religiosamente definida. Não é à toa que tendemos a falar de “emoções misturadas”. Destacar uma emoção que deveria dominar todas as outras não corresponde à realidade. É uma forma altamente artificial e redutora de ordenar o mundo confuso que nos rodeia.

D.R.S. *Continuando a nossa conversa, a maioria de nós está preocupada com as mudanças climáticas drásticas, que também estão ligadas à ideia de progresso que caracteriza a modernidade. Podem ser identificadas emoções para enfrentar esses desafios? Existem exemplos históricos que nos ajudariam a lidar com a crise que, por alguns, é considerada uma crise civilizacional?*

U.F. A crise climática tem um sentimento ambivalente. Por um lado, sabemos com certeza que isso acontecerá. Já existe, com inundações, ondas de calor, secas, tsunamis em muitos lugares do mundo. Isso é algo claro e a maioria das pessoas percebe. Por outro lado, para aqueles de nós que não vivem no Bangladesh, ou em alguma ilha do Pacífico, ainda é muito fácil desviar a nossa atenção do assunto. Tendemos a fazer isso porque se nos confrontássemos com esses fatos e números e com o tipo de expansão, teríamos de mudar de uma forma que seria muito dolorosa para todos nós. Por isso, tentamos evitar a verdade e “abaixar-nos e cobrir-nos”. Isso é o que se recomendava que as pessoas fizessem na década de 1950, quando tinham medo da bomba atômica. Mas esse tipo de escapismo ingênuo definitivamente não deveria servir como exemplo para imitar ou aprender. Em vez disso, a questão é como despertar e manter a esperança. Não esperar que maravilhas cheguem até nós sem a nossa própria ação. O que tenho em mente é a esperança, ou mesmo a confiança, de que podemos tornar o mundo um lugar melhor, enfrentando ativamente os seus desafios. Não devemos entrar em pânico ou desespero face a esses desafios, nem recuar para um estado de negação ou negligência. Em vez disso, deveríamos aprender com as crises anteriores. Claro, elas eram diferentes daquelas que enfrentamos hoje. No entanto, testemunhas contemporâneas consideraram-nas, pelo menos, igualmente catastróficas. Basta pensar na Guerra dos Trinta Anos, que, juntamente com a fome e as pragas, dizimaram as populações regionais em dois terços. Ou pense no que aconteceu na Ucrânia, entre 1914 e 1945, quando um em cada dois homens e uma em cada quatro mulheres morreram de forma violenta. Ainda assim, a esperança não morreu, pelo menos, para aqueles que sobreviveram à carnificina – e os fez começar de novo. A esperança, a confiança e a determinação para melhorar o mundo são extremamente necessárias hoje. Além de líderes responsáveis que são eleitos porque enfrentam os desafios futuros e oferecem formas viáveis e sustentáveis para enfrentá-los.

D.R.S. *Obrigado pelas palavras de esperança. Estou coordenando uma cátedra UNESCO em educação para a cidadania global e justiça socioambiental, hospedada pela Universidade de Caxias do Sul, no Sul do Brasil. A UNESCO identifica três domínios para a educação para a cidadania global: o cognitivo, o socioemocional e o comportamental ou atitudinal. Pela sua experiência, qual é o papel das emoções nesta tríade?*

U.F. Você não pode ter cognição sem emoção. E você não pode ter emoção sem cognição. O que você pensa e percebe é guiado pelas emoções, e o que você sente tem muito a ver com procedimentos cognitivos. A interação é bem capturada pela nova palavra “cogmotion”. É uma palavra artificial, claro, mas ilustra como as percepções, os pensamentos, os julgamentos e as emoções funcionam juntos. Depois de tomar uma decisão no nível cognitivo, isso pode ter consequências comportamentais. As ações, por sua vez, influenciam suas percepções, pensamentos, imaginações e emoções. Portanto, os três domínios estão intimamente ligados. Podemos ver as emoções funcionando como uma espécie de ponte entre “o cognitivo” e “o comportamental”. Elas vinculam processos cognitivos à medida que orientam nossas percepções e imaginações e vinculam comportamento e atitudes. As emoções são práticas, são executadas e, portanto, servem como meio crucial de comunicação entre as pessoas. Ao “fazer emoções”, formamos atitudes e canalizamos comportamentos.

D.R.S. *Parece-me que na educação lidamos com as emoções de uma forma bastante simplista, sem considerar o contexto histórico e social no qual as emoções são modeladas. Que papel a educação pode ou deve desempenhar na educação ou na modelação de emoções para uma vida emocional saudável ou para uma vida saudável?*

U.F. Modelar emoções: este é um conceito que desenvolvemos num projeto colaborativo sobre “*Feeling Political*”. No que acabou se tornando um livro, olhamos para as emoções através das lentes institucionais. Assumimos que instituições, como família, escola, forças armadas, leis, igreja, assistência social, etc. têm um forte impacto na forma como as emoções são percebidas, sentidas e praticadas. E tentamos provar nossas suposições por meio do estudo de casos históricos. Quanto à sua pergunta: o que a educação pode fazer para moldar as emoções? Acima de tudo, considero uma das principais tarefas da educação e da escolarização tornar as crianças e os adolescentes emocionalmente inteligentes. A noção de inteligência emocional, tal como foi recentemente popularizada por Daniel Goleman (1998), remonta a conceitos muito mais antigos de empatia e sentimento de solidariedade desenvolvidos desde o século XVIII. Trata-se da capacidade, da vontade e da preparação das pessoas para olharem para as próprias emoções e para as emoções dos outros, para moderarem as emoções, para raciocinarem sobre a forma como vivenciam as emoções e se comunicam através das emoções. Tal

raciocínio é crucial para todos os tipos de comportamento social em todas as áreas. A educação deve alertar-nos para como podemos e devemos ser emocionalmente conscientes e “inteligentes” e compreender as atitudes das outras pessoas e abrir-nos a elas em vez de fechar portas. Deve também capacitar-nos para enfrentarmos as nossas próprias atitudes e crenças – e, ao mesmo tempo, refletirmos criticamente sobre elas. Como elas foram moldadas? Que tipo de experiências foram fundamentais? O que foi deixado de fora, de propósito ou por acidente? Nesse contexto de auto-reflexão crítica: como podemos abordar as emoções de outras pessoas – por exemplo, sobre a questão da política do Médio Oriente – e procurar um terreno comum apesar dos diferentes pontos de vista?.

D.R.S. *Isso é algo que procuro quando sugiro que estamos lidando com as emoções de uma forma bastante simplista, como ser gentil com seu colega, ter empatia com aqueles que estão próximos de você, mas esquecendo o quadro mais amplo da vida emocional. Você não incorpora a complexidade das emoções no contexto social histórico, como elas são formadas e por quê.*

U.F. É sempre útil voltar aos “antigos”. Neste caso, pessoas como Adam Smith² e a sua teoria dos sentimentos morais de meados do século XVIII. Aqui, ele explica como as pessoas geralmente se sentem umas com as outras e como devem modelar e moderar as suas emoções para facilitar a comunicação. Imagine que você está conversando com um amigo e esse amigo está de luto; ele está chorando e lamentando, de uma forma que oprime você. O que você faz? Você recua. Você não consegue nem consolá-lo. Ele está tão consumido por suas emoções que isso o distancia do resto do mundo. A moderação é fácil de entender, mas difícil de praticar. Ajustar as suas emoções de uma forma que as torne acessíveis aos outros é um pré-requisito para qualquer troca real. Isto não é verdade apenas nos assuntos privados, mas também na política.

D.R.S. *Você mencionou Adam Smith como referência histórica. Você poderia identificar algumas outras referências históricas para nós que queremos estudar a história das emoções?*

² A primeira edição de *The Theory of Moral Sentiments* data de 1759.

U.F. Existem muitos. Os filósofos foram, desde a antiguidade, os primeiros a dar sentido às paixões e aos afetos. Durante o século XIX, Charles Darwin³ causou sensação com o livro, de 1872, sobre a expressão das emoções no homem e nos animais. Influenciou muito o psicólogo americano Paul Ekman e a sua teoria das seis ou sete emoções básicas e universais. Essa teoria recebeu críticas generalizadas, especialmente de historiadores; mas ainda é muito influente, especialmente nos estudos dos afetos. Os historiadores da ciência podem, evidentemente, mostrar como e por que certas teorias sobre as emoções florescem num determinado momento e numa determinada sociedade. O que está por trás das suposições universalistas? Por que outros estudiosos colocam ênfase na diferenciação? De qualquer forma, precisamos ser críticos e refletir sobre as limitações das nossas teorias. Atualmente, os neurocientistas nos informam sobre quem somos e como funcionam as nossas emoções. Alguns deles falam, de forma auto-afirmativa, sobre os nossos “cérebros da idade da pedra”, alegando que nada mudou. Como eles sabem? Outros tentam mostrar a plasticidade do cérebro e assumem que as redes neurais mudam através da reorganização – o que nos convida a pensar sobre experiências de aprendizagem. Poderíamos até assumir que tais experiências são transmitidas através de gerações, o que permite que fatores sociais e culturais entrem em cena. Portanto, a história está de volta, assim como a variação cultural.

D.R.S. *Ainda tenho uma questão metodológica. Dada a sua longa experiência em pesquisas com emoções, mais precisamente, com a história das emoções, quais são algumas recomendações ou dicas para pesquisas na área, o que pesquisadores jovens e também experientes devem evitar? No que eles precisam prestar atenção?*

U.F. Primeiro, precisamos de mais estudos de caso que mostrem como as emoções têm impacto nos acontecimentos e desenvolvimentos históricos. Em segundo lugar, o campo se beneficiaria de uma análise a longo prazo de como as emoções mudam ao longo do tempo, juntamente com as instituições que as modelam. Terceiro, os pesquisadores podem analisar os estilos emocionais predominantes em determinados grupos sociais ou religiosos, entre homens e mulheres, em faixas etárias específicas; eles também podem

³ Darwin, Charles. A expressão das emoções no homem e nos animais. São Paulo: Cia das Letras, 2000. A primeira edição em língua inglesa data do ano de 1872 (Darwin, C. R. 1872. *The expression of the emotions in man and animals*. London: John Murray. 1st edition).

dar um passo adiante e estudar como esses estilos emocionais mudam e por qual motivo. Quarto, a comparação intercultural é um desafio dentro das sociedades e internacionalmente. Quinto, não esqueçamos o corpo e a sua história. Durante séculos, as emoções estiveram firmemente localizadas nos corpos humanos; mas os corpos não são de forma alguma a-históricos. A maneira como olhamos para os corpos, percebemos os corpos e descrevemos as emoções como sentidas fisiologicamente, difere muito no tempo e no espaço. Os corpos modernos, que são treinados e modelados através do esporte, da cirurgia plástica ou do trabalho mecanizado, são “recipientes” de emoção diferentes dos corpos que passam por outras formas de tratamento. Historicizar o corpo significa historicizar as emoções e dizer adeus às noções de “afetos” imutáveis.

D.R.S. *Na literatura encontramos conceitos como estruturas emocionais, regimes emocionais e comunidades emocionais. São iguais? Qual seria mais adequado para estudar as emoções, principalmente se pretendemos comparar grupos, culturas e sociedades.*

U.F. Eles definitivamente não são iguais. A noção de comunidades emocionais de Barbara Rosenwein (2011) baseia-se nas sociedades medievais e refere-se às organizações de pequena escala. Pode fazer sentido descrever um mosteiro como uma comunidade emocional; é muito menos convincente conceber escolas ou universidades contemporâneas como tais. Há também uma questão epistemológica aqui. Para Rosenwein, as comunidades emocionais são mais ou menos equivalentes às comunidades sociais. Mas o que queremos dizer exatamente quando assumimos que os grupos sociais partilham certas emoções? Argumentamos que as emoções são formativas para o grupo? Ou enfatizamos que as emoções resultam da coerência e da experiência do grupo?

Quanto à noção de regime emocional que remonta ao trabalho seminal de William Reddy (2001), considero-a demasiado estável e hierárquica. Um regime é algo que é imposto “de cima”, que você deve encarnar e incorporar. É um conceito muito restrito para capturar os processos emocionais dinâmicos que acontecem na e através da interação humana. Pessoalmente, prefiro trabalhar com noções de estilo e prática emocional. Estilo é algo escolhido tanto por indivíduos quanto por grupos sociais, como os adolescentes. Eles desenvolvem seu próprio estilo emocional e o compartilham

como grupo. Eles recebem incentivos da moda, dos cosméticos, da música, de qualquer coisa. E eles inventam uma certa maneira de praticar as emoções entre si e com o mundo em geral. Essa prática emocional também visa distinguir um grupo dos outros; o estilo torna-se assim um marcador social. Ao mesmo tempo, nunca é estável. É bastante fluído e, como tal, funciona bem com emoções que também são altamente fluídas.

D.R.S. *Abordamos muitos assuntos. Existe algo que você gostaria de compartilhar. Talvez uma última pergunta: Quais são os seus projetos para o futuro?*

U.F. Acabei de terminar um novo livro sobre “Sentimentos constitucionais” na história alemã (*Verfassungsgeföhle. Die Deutschen und ihre Staatsgrundgesetze*, Göttingen: Wallstein, 2024). Foi inspirado no 75º aniversário da Lei Básica Alemã, promulgada quatro anos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Desde 1949, a Lei Básica passou por mudanças emocionais surpreendentes. No início, as pessoas não sabiam ou não se importavam. Mas passo a passo e através de múltiplas lutas políticas, tornou-se cada vez mais popular. Hoje, muitas pessoas declaram o seu amor à Constituição e elogiam-na como a instituição mais confiável da política alemã. Isso lembra o início do século XIX, quando os cidadãos lutavam por constituições novas, ou melhores, e desenvolviam rituais semelhantes a cultos com extremo apelo emocional. No livro, traço os sentimentos das pessoas em relação às constituições desde 1789 até hoje e tento mostrar como os direitos básicos se tornam cada vez mais importantes, não só para defender o cidadão individual contra o poder do Estado, mas também para proteger a vida em uma sociedade civil. Durante o período pós-guerra, analiso tanto a Alemanha Ocidental quanto a Oriental, e também cubro os trinta e cinco anos após a reunificação com apelos regulares a uma constituição nova e comum.

Quanto a projetos novos e futuros, posso contar mais em um ou dois anos.

D.R.S. *Podemos continuar nossa conversa agora “off the record”. Agradeço muito por compartilhar algo do trabalho muito importante que você realiza no Centro de História das Emoções. Tenho certeza de que falo também em nome dos muitos leitores e das muitas leitoras desta esclarecedora e estimulante conversa.*

REFERÊNCIAS

- Darwin, C. (2000). *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Cia das Letras.
- Ekman, P. (2011). *A linguagem das emoções*. Lua de Papel.
- Goleman, D. (1998). *Working with Emotional Intelligence*. Bantam Books.
- Frevert, U. (1995). *Men of Honor: A Social and Cultural History of the Duel*. Polity Press.
- Moïsi, D. (2010). *The Geopolitics of Emotion*. Anchor Books.
- Reddy, W. (2001). *The Navigation of Feeling: A Framework for the History of Emotions*. Cambridge University Press.
- Rosenwein, B. H. (2011). *História das emoções: problemas e métodos*. Letra e Voz.
- Smith, A. (2000). *The Theory of Moral Sentiments*. Prometheus.

DANILO ROMEU STRECK: professor titular da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e professor jubilado da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Colíder do grupo de pesquisa *Educação e pesquisa na América Latina: convergências teóricas e metodológicas* e coordenador da *Cátedra UNESCO Educação para a cidadania global e justiça socioambiental* sediada na UCS. Atua principalmente nos seguintes temas: educação popular, mediações pedagógicas e processos participativos, pedagogia latino-americana, cidadania global e internacionalização da educação. Integrou o Comitê Assessor da área da Educação do CNPq (2013-2018) e o Comitê Assessor da área da Educação e Psicologia da FAPERGS (2013-2016). É co-editor do *International Journal of Action Research*. Em 2019, recebeu o Prêmio Pesquisador Gaúcho (destaque em Educação), da FAPERGS.

E-mail: drstreck@ucs.br
<http://orcid.org/0000-0001-7410-3174/>

Recebido em: 14.01.2025

Aprovado em: 20.01.2025

Publicado em: 09.03.2025

EDITOR-ASSOCIADO RESPONSÁVEL:

Carlos Eduardo Vieira (UFPR)

E-mail: cevieira9@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6168-271X>

COMO CITAR ESTA ENTREVISTA:

Streck, D. R. História das emoções e educação para a cidadania (global): entrevista com Ute Frevert. (2025). *Revista Brasileira de História da Educação*, 25. DOI: <http://doi.org/10.4025/rbhe.v25.2025.e363>

LICENCIAMENTO:

Esta entrevista é publicada na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4).